

AS ESTRATÉGIAS DA TORCEDORA DE FUTEBOL PARA SE SENTIR SEGURA NO ESTÁDIO

STRATEGIES FOUND TO MAKE WOMAN FOOTBALL FANS FEEL SAFE IN THE STADIUM

LAS ESTRATEGIAS ENCONTRADAS PARA QUE LAS FANÁTICAS DEL FÚTBOL SE SIENTAN SEGURAS EN EL ESTADIO

Amanda Maria Ramos Lopes

<https://orcid.org/0009-0006-4016-1409> 

<https://lattes.cnpq.br/7995848960448085> 

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG – Brasil)

amandalopes9797@gmail.com

Marina de Mattos Dantas

<https://orcid.org/0000-0002-7109-6690> 

<http://lattes.cnpq.br/4546121271706103> 

Universidade do Estado de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG – Brasil)

marinamattos@gmail.com

Silvio Ricardo da Silva

<https://orcid.org/0000-0003-0584-3675> 

<http://lattes.cnpq.br/8230344465096631> 

Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, MG – Brasil)

prof.srs@gmail.com

Resumo

O artigo se trata de um recorte da pesquisa “Assédio no estádio de futebol: Impactos no lazer das torcedoras”. Ele tem o objetivo de evidenciar a análise realizada na pesquisa, sobretudo sobre as estratégias que as torcedoras buscam para poderem frequentar o estádio de futebol. No estudo como um todo, utilizou-se primeiramente questionários aplicados a 151 torcedoras em Belo Horizonte. Posteriormente, foram realizadas 12 entrevistas semiestruturadas com mulheres selecionadas pelo questionário, por terem afirmado que já foram vítimas de assédio no Mineirão. Por meio de categorizações e das transcrições das entrevistas, evidenciou-se que o assédio de fato acontece no Mineirão e que, para continuar frequentando, as torcedoras buscam estratégias que as façam se sentir mais seguras. Dentre elas, foi recorrente o não uso de roupas curtas ou que evidenciem a silhueta do corpo feminino, a mudança de setor e a busca por acompanhantes, principalmente do sexo masculino, durante a experiência. Constatou-se que algumas dessas estratégias possuem fundamento enquanto outras não necessariamente são eficazes. Concluiu-se que o estádio de futebol ainda é um ambiente hostil para as mulheres. Mesmo elas resistindo, a lógica machista de que aquele lugar não as pertence perpetua e se renova, o que faz com que elas tenham que mudar seus comportamentos para terem segurança.

Palavras-chave: Torcedora; Assédio; Mulher; Futebol.

Abstract

The article is an excerpt from the research “Harassment at the football stadium: Impacts on fans’ leisure time”. It aims to highlight the analysis carried out in the research, especially regarding the strategies that female fans seek to be able to attend the football stadium. In the study as a whole, questionnaires were first applied to 151 fans in Belo Horizonte. Subsequently, 12 semi-structured interviews were carried out with women selected through the questionnaire, as they stated that they had already been victims of harassment in Mineirão. Through categorizations and interview transcriptions, it became clear that harassment does indeed occur at Mineirão and that, in order to continue attending, fans seek strategies that make them feel safer. Among them, it was common not to wear short



clothes or clothes that show the silhouette of the female body, changing sectors and looking for companions, especially men, during the experience. It was found that some of these strategies are well-founded while others are not necessarily effective. It was concluded that the football stadium is still a hostile environment for women. Even though they resist, the sexist logic that that place does not belong to them perpetuates and renews itself, which means that they have to change their behavior to be safe.

Keywords: Football Fan; Harassment; Women; Football.

Resumen

El artículo es un extracto de la investigación "Acoso en el estadio de fútbol: Impactos en el tiempo libre de los aficionados". Se pretende resaltar el análisis realizado en la investigación, especialmente en lo que respecta a las estrategias que buscan las aficionadas para poder asistir al estadio de fútbol. En el conjunto del estudio, los cuestionarios se aplicaron inicialmente a 151 aficionados de Belo Horizonte. Posteriormente, se realizaron 12 entrevistas semiestructuradas a mujeres seleccionadas a través del cuestionario, por haber afirmado haber sido víctimas de acoso en Mineirão. A través de categorizaciones y transcripciones de entrevistas, quedó claro que el acoso efectivamente ocurre en el Mineirão y que, para seguir asistiendo, los aficionados buscan estrategias que los hagan sentir más seguros. Entre ellos, era común no usar prendas cortas o que mostraran la silueta del cuerpo femenino, cambiar de sector y buscar acompañantes, especialmente hombres, durante la experiencia. Se encontró que algunas de estas estrategias están bien fundamentadas mientras que otras no necesariamente son efectivas. Se concluyó que el estadio de fútbol sigue siendo un ambiente hostil para las mujeres. Aunque resistan, la lógica sexista de que ese lugar no les pertenece se perpetúa y se renueva, lo que significa que tienen que cambiar su comportamiento para estar seguros.

Palabras clave: Fanática del Fútbol; Acoso; Mujer; Fútbol.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se trata de um recorte da dissertação de mestrado intitulada "ASSÉDIO NO ESTÁDIO DE FUTEBOL: implicações no lazer das torcedoras". Dentro desse recorte, é investigado e aprofundado as estratégias buscadas por torcedoras de futebol para poderem ir ao estádio em um contexto onde o assédio e outras violências de gênero ainda são presentes nesse espaço.

Historicamente, os valores disseminados na sociedade expuseram que o futebol não era um espaço apropriado para mulheres (LOPES, 2023). Essa perspectiva era fundamentada nos valores de gênero moldados por construções históricas e culturais, que perpetuavam concepções preconcebidas sobre o que caracterizava masculinidades ou feminilidades aceitáveis. Concepção influenciada pela associação do esporte a figuras de homens agressivos, ligados a uma noção presumida de virilidade ideal.

Nela, o gênero é percebido como uma entidade estática, fixa e biologicamente determinada, o que contradiz as perspectivas de Butler (2003), que argumenta que o gênero é resultado de uma construção cultural. Quando concebido como algo imutável, essa visão engendra expectativas sociais, atribuindo significados específicos ao que é considerado apropriado para cada gênero. Aprende-se a ser masculino ou feminino dentro de processos culturais que ensinam formas adequadas de exercer determinado gênero em uma cultura específica (BANDEIRA, 2010).





Os esportes em geral, e o futebol em específico, acabam trabalhando fortemente na circulação e na produção de valores e de representações associados às masculinidades. A imagem da mulher é propagada como um ideal de beleza frágil e delicado, contrastando com o que é reiterado no esporte. No entanto, apesar dessa compreensão, as mulheres sempre participaram da modalidade no Brasil, sejam como atletas resistentes e persistentes banidas desta prática pela lei durante 38 anos no país (1941-1979), ou como profissionais que buscam conquistar seu espaço e também como apreciadoras, que gostam, consomem e se envolvem com a modalidade, torcendo pelo seu time do coração.

Ainda que de forma paradoxal às características fervorosas relacionadas ao comportamento esperado das torcidas atuais, as mulheres sempre marcaram presença nos estádios de futebol. Muitos pesquisadores como, Bonfim (2019), Cappellano (1999), Ecoten e Corsetti (2010) contam que, no início do século XX, ir ao estádio acompanhar uma partida era considerado um evento da elite da sociedade que possibilitava diversas formas de interação e as mulheres tinham um papel crucial, além de serem muito bem quistas (LOPES, 2023).

Contudo, seu comportamento nas arquibancadas era ditado dentro da expectativa de como uma mulher deveria agir. Na primeira metade do século XX, “a elas, era proibido se desesperar por um time, se descabelar, somente cabia a pose sem expressão de paixão por clube, afinal isso era reservado ao gênero masculino” (SANTOS, 2020), expondo a finalidade da sua participação no futebol para a época: embelezar as arquibancadas. A associação do futebol com mulheres bonitas é uma relação que, para Bonfim (2019), continuará a persistir por décadas, por meio de conotações sexualizadas e objetificadas entre os atores (homens) e instituições responsáveis por movimentar o mercado da modalidade.

Mesmo sempre presente no estádio, a representação da torcedora foi sendo pautada na figura de acompanhante, incentivadora dos clubes e dos jogadores e não em um sujeito que tem os seus conhecimentos sobre futebol legitimados ou o espaço e o público necessários para contar seus casos. Embora essa concepção esteja mudando, ainda são muitos os lugares que continuam vendo a mulher como coadjuvante (CAMPOS, 2010, p. 87).

Nesse cenário, as mulheres que desejam ser protagonistas no contexto do futebol se deparam com a necessidade de superar as barreiras impostas pelos paradigmas socialmente enraizados. As torcedoras, especificamente, enfrentam constantes questionamentos em relação aos seus verdadeiros objetivos ali: se realmente torcem por um time de futebol e compreendem a modalidade, como foi evidenciado na pesquisa de Dantas, Anjos e Mendes (2021). Tais convicções geralmente associam as mulheres a estereótipos comuns, reforçando





preconceitos machistas, como “maria-chuteira” que limita o interesse da torcedora com a modalidade e o define como um interesse sexual dela para com os atletas homens. Essas “construções vinculadas à feminilidade, deslegitimam o torcer e, também, perpassam a vinculação com o clube, sendo uma questão própria das lógicas de gênero no contexto futebolístico” (DANTAS; ANJOS; MENDES, 2021, p. 491). Destaca-se a persistência de representações caricatas que limitam a participação feminina, impondo concepções rígidas sobre o que é considerado feminino.

Sobre as diferentes experiências de torcer, Silva (2019) destaca que acompanhar as partidas de seu clube dentro do estádio é uma experiência para poucos, devido a vários motivos. “Dificuldades de ordem econômica, geográfica ou social podem impedir ou dificultar o acesso à arquibancada, mas nem por isso impossibilitam o estabelecimento de relações de pertencimento” (DANTAS; ANJOS; MENDES, 2021, p. 480). As autoras afirmam ainda, que geralmente toma-se como referência homens torcedores alinhados a uma masculinidade cisnormativa, porém, quando o sujeito foge dessa referência, os impedimentos trazem consequências no pertencimento.

Portanto, o futebol é um lugar de autoafirmação masculina e os estádios são espaços onde se produz e reproduz as masculinidades, o que “acaba reiterando a velha lógica de que a mulher não pertence àquele ambiente, bem como promove falas homofóbicas” (PESSANHA, 2020). São essas masculinidades que acabam por legitimar a prática de violências contra as mulheres dentro do estádio.

Ressalta-se que, ao longo da história, a inserção das mulheres na sociedade, sobretudo ocupando espaços naturalizados culturalmente como masculinos, tem sido marcada por tensões e conflitos ao longo dos anos. A todo tempo, elas têm que se reafirmar como sujeitos de direitos que podem e devem ocupar os espaços, tão legitimamente quanto os homens. A evolução do papel da mulher como ocupante dos espaços públicos de forma independente, tem, por sua vez, suscitado a produção de diferentes formas de violência por parte dos homens. Levando para o estádio de futebol, ambiente consolidado como masculino, “por mais que a torcedora sempre estivesse presente nos estádios, a sua relevância enquanto questionadora não era considerada, obtendo um papel figurativo” (LOPES, 2023, p. 49).

Para mudar esse panorama, as mulheres confrontam diversas manifestações de masculinidades que contribuem para o pertencimento que os homens sentem dentro do estádio de futebol, pois este que possibilita a maior incidência de violência contra as mulheres





nesse espaço. Sendo assim, é essa significação de que os espaços desportivos são de pertencimento deles que possibilita que os corpos femininos “sejam alvos de diferentes violências, muitas das quais não são nem nomeadas” (GOELLNER, 2021, p. 109). Quando uma mulher desvia daquilo que lhe fora estabelecido e opta por frequentar o estádio, expressar suas opiniões e o seu torcer, consumir bebidas e desafiar os padrões pré-determinados para os corpos femininos, ela representa uma ameaça à estrutura de poder estabelecida. O pensamento de que eles têm maior poder naquele ambiente intimida as torcedoras que simplesmente desejam expressar o seu torcer como qualquer outro torcedor. Essa violência pode ser manifestada de diferentes formas, dentre elas com o assédio que, por sua vez, também possui diversas manifestações (LOPES, 2023).

No campo das violências de gênero, para essa pesquisa, optou-se por analisar os assédios que, segundo o dicionário Ferreira (1975), pode ser definido como uma insistência inoportuna junto a alguém, com perguntas, propostas e pretensões, dentre outros sintomas. O verbo ‘assediar’, por sua vez, significa “perseguir com insistência, que é o mesmo que molestar, perturbar, aborrecer, incomodar e importunar” (FERREIRA, 1975, p. 147).

Ao abordar essa temática, é essencial recordar que o assédio pode ser manifestado de diversas maneiras. Ainda que a literatura apresente diferenças entre seus conceitos, ressalta-se algumas, como o assédio moral que corresponde a exposição da vítima a situações vexatórias, humilhantes ou de perseguição com o intuito de constranger, intimidar e atacar a dignidade de alguém, também conhecido por muitos como assédio psicológico (DIAS, 2019). Além deste, também existe o assédio verbal, mais fácil de ser identificado por se tratar de uma violência exclusivamente verbalizada, diz respeito a quando “alguém diz coisas desagradáveis, violentas, ameaçadoras ou invasivas” (Lei das Contravenções Penais n. 3.688/1941). E ainda, há o assédio sexual que se diferencia dos demais por prescindir do objetivo de obtenção de vantagem ou favorecimento necessariamente de cunho sexual com gestos, palavras ou emprego de violência (DINIZ, 1998).

Com base nisso, surgiu o interesse de compreender qual o impacto do assédio às torcedoras de futebol no estádio. Neste artigo, o objetivo é evidenciar a análise realizada na pesquisa, sobretudo sobre as estratégias que as torcedoras buscam para poderem frequentar o estádio de futebol. Ao longo da pesquisa completa, observou-se a incipiência de estudos que abordam a relação do assédio com as torcedoras, ressaltando a importância da temática



ser mais investigada, ainda que haja uma crescente na literatura dos trabalhos envolvendo a mulher e o futebol.

Em outro ponto, ao tratar de torcedoras, o estudo tange especificamente o assédio como uma violência de gênero, percebendo-o como uma construção intrínseca e arraigada na sociedade. Nessa perspectiva, é preciso destacar o papel conscientizador e formador social do trabalho a fim de “desenraizar comportamentos e atitudes típicas da falta de respeito para com as mulheres, que estão cada vez mais inseridas em diversos ambientes sociais” (PINHEIRO; CAMINHA, 2021). Além disso, conforme reivindicado por Goellner (2021), ainda há um longo caminho a ser trilhado na busca pela equidade das mulheres no futebol abrangendo áreas como oportunidades, visibilidade, respeito e estrutura, seja para atletas, torcedoras, jornalistas, árbitras e demais envolvidas. Por isso, a fim de minimizar essas desigualdades, essa pesquisa almejou contribuir com a busca pelo rompimento de “marcadores sociais que historicamente têm sido arregimentados para produzir e justificar disparidades que não são naturais, mas culturalmente edificadas” (GOELLNER, 2021, p. 6).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa completa apresentou uma abordagem quali-quantitativa (MINAYO, 2001) e, segundo Gil (2002), pode ser classificada como um estudo de campo por buscar ter contato direto com uma realidade. Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: primeiramente questionários e posteriormente entrevistas.

No primeiro momento, um mesmo questionário foi aplicado via *Google Forms* a 151 torcedoras de times variados. Ele continha questões diretas que permitiram traçar um perfil socioeconômico das participantes e questões mais elaboradas trazendo propriamente a questão de gênero e o assédio. O instrumento foi divulgado por meio de compartilhamentos nas redes sociais e via *QR Code* por meio de uma abordagem presencial em locais públicos em todas as regiões da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Para responder ao questionário, a participante deveria ser maior de 18 anos, se identificar como mulher, torcer para algum time de futebol brasileiro e já ter frequentado o estádio Governador Magalhães Pinto, o Mineirão. A análise de seus resultados foi obtida por meio dos gráficos construídos pela plataforma do *Google Forms* e por meio de tabelas com categorização dos termos em comum sobre as questões descritivas.





Também dentro do questionário, foi perguntado se as torcedoras já tinham sido vítimas de assédio no estádio Mineirão, sendo que aquelas que confirmaram, foram convidadas para participar da segunda parte da pesquisa: as entrevistas. Este segundo instrumento foi escolhido pois possibilita gerar compreensões ricas das biografias, experiências, opiniões, valores, aspirações, atitudes e sentimentos das pessoas (MAY, 2004), objetivando então, entender como ocorreram os casos de assédio, suas consequências e o que foi feito sobre isso por meio de relatos das vítimas. São nos dados extraídos pelas entrevistas que este artigo se debruça. Do total de 151 participantes que responderam o questionário, 46 mulheres afirmaram já terem sofrido assédio no estádio do Mineirão, sendo que destas, 24 concordaram em participar do segundo momento. Porém, na realidade, apenas 12, de fato, foram entrevistadas por desistências ou indisponibilidades.

Dessa forma, foram realizadas as 12 entrevistas semiestruturadas com torcedoras selecionadas previamente por meio do questionário a fim de compreender como de fato aconteceu a violência no estádio. Para analisá-las, foi realizado uma transcrição completa de todas as entrevistas (gravadas) onde foram utilizados nomes fictícios para preservar a identidade das torcedoras. Posteriormente, os termos comuns das entrevistas foram categorizados, o que possibilitou perceber a recorrência e semelhança entre os casos relatados, além de viabilizar que os casos fossem analisados e relacionados com a literatura de embasamento da pesquisa. Destaca-se que todas as torcedoras consentiram com a participação na pesquisa, por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado e assinado previamente.

RESULTADOS

No início do questionário aplicado na pesquisa, as participantes foram perguntadas se já presenciaram situações de assédio no Mineirão em dias de jogos. Mesmo inicialmente sem uma explicação conceitual do que se tratava essa violência, tornou-se claro que o assédio no estádio de futebol não é uma hipótese, mas sim, uma realidade, visto que 83 torcedoras, entre as 151 participantes, confirmaram já terem presenciado algum caso de assédio no Mineirão, totalizando um percentual de 56,8%.

No entanto, quando perguntadas se já haviam sido vítimas de assédio nas mesmas circunstâncias - no Mineirão em dias de jogos de futebol - as respostas inverteram, com apenas 46 mulheres confirmando já terem passado por essa violência, um total de 31,5%. Nota-se que,





em ambas as perguntas, a opção “não sei dizer” foi consideravelmente escolhida, o que demonstra dúvida acerca do conceito complexo de assédio. Após esse primeiro momento, as participantes tiveram acesso às seguintes definições construídas com base nos conceitos de Dias (2019), Diniz (1998), Freitas (2001), Delgado (2017) Pinheiro e Caminha (2021), Zanetti (2014) e na Lei 10.224/20011 da Constituição Brasileira:

Assédio Moral: Exposição da vítima a situações vexatórias, humilhantes ou de perseguição com o intuito de constranger, intimidar e atacar a dignidade de alguém, pode ser apresentado na forma de perseguição ou por meio de uma violência emocional, também conhecido como assédio psicológico.

Assédio Verbal: Identificado quando alguém diz coisas desagradáveis, violentas, ameaçadoras ou invasivas.

Assédio Sexual: Constranger com gestos, palavras ou emprego de violência para obter vantagem sexual, é uma conduta de importunação maliciosa que atua de forma explícita ou não, com interesses e conotações libidinosos, de uma pessoa em relação a outra.

Com essas informações, as 46 participantes selecionadas por terem confirmado que já foram vítimas de assédio no Mineirão, puderam classificar qual tipo de assédio sofreram. Nesse contexto, foi observado que o assédio sexual é o mais frequente nas condições estabelecidas pela pesquisa, seguido pelo assédio verbal cuja identificação é facilitada e, por último, com poucos relatos, o assédio moral. De forma geral, para entender como as mulheres agem após serem assediadas nessas circunstâncias, foi perguntado às 46 sobre qual fora sua reação imediata e, para análise, realizou-se uma categorização dos termos encontrados nas respostas, como mostra o Quadro 1. Destaca-se a quantidade nitidamente mais alta da palavra: “nada”, demonstrando um prevaecimento do silêncio após o assédio.

Quadro 1 – Reações após o assédio

Reações após o assédio			
Ignorar (der)	5	Vergonha	2
Xingar/Responder	9	Impotência	2
Nada	19	Constrangimento	2
Acenar (der)	1	Chorar	3
Rir	1	Medo	4
Polícia	1	Afastar	2
Denúncia	1		

Fonte: construção dos autores.





Considerando que o Mineirão é, assim como tantos outros, um estádio multiuso que contempla bares, uma esplanada ao redor além dos compartimentos internos, foi questionado onde, dentro deste estádio, o assédio aconteceu. Foi encontrado que os bares são os espaços onde essa violência é mais suscetível, sendo a opção mais escolhida pelas torcedoras que já sofreram assédio no estádio (44%), seguido pela esplanada (33%) e, por último, a arquibancada (23%). Os relatos nas entrevistas abriram os olhos com relação a frequência que o assédio continua acontecendo, expondo situações incabíveis nos dias de hoje. Seguindo de que cabe refletir o porquê de o “bar” ser o espaço onde mais acontecem os assédios dentro do estádio do Mineirão. Alguns relatos obtidos nas entrevistas descrevem como essa violência pode acontecer em um local tão movimentado:

Fomos pegar uma bebida no **bar**. Como sempre, estava muito cheio, e um homem começou a nos importunar, fazer piadas, falar que ele não deixaria a esposa dele ir ao estádio, nos ameaçar dizendo que ele poderia fazer qualquer coisa com a gente (Torcedora Alessandra, grifo nosso).

No meu caso não foi nada muito sério. Alguns olhares sempre acontecem, não só nos estádios ‘né’ e a gente aprende a lidar. Mas, uma vez, eu estava com minha mãe e estava esperando ela em frente a um **bar** porque ela tinha ido buscar cerveja. Eu nem bebo cerveja. Nisso um homem bem mais velho de uns mais de 60 anos, eu tenho 23, que já estava me olhando de uma forma nojenta sabe, começou a chegar perto e falou comigo: Mineirão melhorou demais, vê se antigamente tinha uma morena dessa do meu lado. Não sei explicar, mas senti muito nojo (Torcedora Luiza, grifo nosso).

Eu estava com duas amigas, e, certa hora, fomos no bar pegar uma bebida. O bar estava com uma fila muito grande, e tinham dois homens por perto que, podemos dizer, estavam ‘engraçadinhos’ demais, querendo tirar satisfação de tudo, nos amolando. Nos falaram que a gente era bonita, e começaram a soprar nossos ouvidos e nossos pescoços (Torcedora Natália, grifo nosso).

Avançando no que diz respeito aos espaços dentro do estádio, foi questionado às 46 participantes em qual setor do Mineirão elas foram assediadas e a resposta obtida foi extremamente diversa, tornando inviável tirar uma conclusão generalizada, tendo em vista que o assédio aconteceu em todos os setores, sem nenhuma relação sobre qual torcida está presente em cada setor. Entretanto, constatou-se que mais de 91% das torcedoras da amostra que já foram vítimas de assédio no Mineirão, não deixaram de frequentar o estádio após o acontecido, ou seja, mesmo tendo passado por uma situação traumatizante, a maior parte das torcedoras prefere continuar indo ao estádio assistir aos jogos do seu time, demonstrando uma ação importante para fortalecerem o vínculo com o time.





Com base nisso, alguns relatos evidenciaram que, para que a torcedora volte a frequentar um espaço onde não se sente segura por traumas anteriores, ela busca estratégias comportamentais, criando alguns determinados hábitos para que a probabilidade de ser assediada diminua. Embora a maioria da amostra tenha confirmado que continua frequentando o estádio de futebol mesmo após ter sofrido assédio, todas as doze mulheres entrevistadas contaram que sentiram a necessidade de modificar seus comportamentos e atitudes para se sentirem seguras e se encaixarem naquele ambiente.

A torcedora Flávia não usa roupas justas nem curtas, pois, segundo ela, com esse vestuário “você vira alvo fácil para ataques de qualquer torcedor”. Para ela, não fazer uso de roupas que chamem atenção para o seu corpo é um “mecanismo de segurança”, uma “ação preventiva”. Verônica relatou ter a mesma sensação de Flávia e, por isso, não veste roupas que valorizem a silhueta do seu corpo, inclusive já se adaptou “a amarrar uma blusa de frio na cintura em ambientes assim”. A torcedora, Joana, também diz sobre a questão do vestuário: “tento não ir com roupas curtas, roupas que eu usaria tranquilamente em outros ambientes. Apesar de eu saber que o assédio não é responsabilidade da mulher, tento receber o menor número possível de olhares, e a forma que encontrei para isso foi me ‘mostrar’ menos.”

A participante Larissa contou um pouco da sua percepção acerca da relação entre roupas e assédio dentro do estádio: “Tenho reparado um aumento (de importunações) nos últimos anos por conta de uma atitude minha que pode parecer boba. Sou uma pessoa que sempre se incomodou muito com o calor, então sempre estava vestindo a blusa do time, enquanto a maioria dos homens sem camisa. Até que, um dia, uma amiga minha apareceu vestindo um top, e desde então, faço o mesmo. Percebi então que, depois que iniciei esse hábito, os assédios aumentaram, parece que passou a ser um ‘convite’ para qualquer um fazer ou falar algo. Como uma ocasião que eu estava até de mãos dadas com meu namorado, em um grupo de amigos e um homem passou a mão em mim”.

Muitas mulheres acreditam que se estiverem acompanhadas de homens, podem evitar a ocorrência de diferentes formas de violência de gênero no estádio, como o assédio. A torcedora Joana, após ter sido assediada, só vai ao estádio acompanhada. Seguindo a mesma lógica, Luiza, que gostava de ir com sua mãe, agora vai apenas se algum homem as acompanhar. A torcedora Andreza não mediu palavras para afirmar que “homem respeita homem”. A partir dos relatos das entrevistadas, percebeu-se que os assédios aconteceram tanto com mulheres acompanhadas quanto com sozinhas. Entre o total das 12 mulheres





entrevistadas, sete contaram que estavam acompanhadas de alguém quando foram agredidas, e as demais cinco se encontravam sozinhas enquanto esperavam por alguém. No entanto, das sete que estavam acompanhadas quando assediadas, apenas duas estavam com figuras masculinas.

DISCUSSÃO

Os dados adquiridos apontaram que o assédio acontece no Mineirão, confirmando o raciocínio de Pessanha (2020) de que o assédio ainda é um problema recorrente nos estádios de futebol, tendo em vista as masculinidades realçadas nesses espaços. Ao considerar que a arquibancada é identificada como o espaço com menor incidência de assédios, surge a necessidade de avaliar a relação dessa violência com o futebol em si, pensando na modalidade esportiva. Visto que é possível inferir que a arquibancada é destinada a observação da partida, onde as atenções dos torcedores se voltam para o que está acontecendo no gramado. “Quando essa atenção muda, por exemplo, quando os torcedores estão nos bares e ali o interesse se torna a festa, a bebida e a socialização com os demais torcedores, o assédio se torna mais comum” (LOPES, 2023, p. 65). Os bares serem os lugares com a maior incidência de assédios revela que essa violência pode acontecer em qualquer lugar, público ou não, desde que haja interesse do assediador e condições favoráveis, como por exemplo, um ambiente majoritariamente frequentado por homens e que enaltece as características masculinas, garantindo uma certa impunidade, como um estádio de futebol, por isso tão naturalizado e aceito.

Embora os dados indiquem que as torcedoras possam ser assediadas acompanhadas ou não, os dados revelam que, quando o acompanhante é um homem, o risco de assédio diminui. Essa constatação dá fundamento para a busca de muitas mulheres por uma companhia masculina como uma estratégia para se sentirem seguras. Além disso, reforça que o estádio ainda é considerado um espaço de pertencimento deles, onde a presença feminina ainda é alvo de violência.

Por mais errado ou por mais que não devesse ser, o que acontece na realidade é que, dentro do estádio de futebol (e ousar dizer, não apenas nesse espaço), a presença masculina ao lado de uma mulher inibe o assediador. Isso não decreta que o assédio não vá acontecer, mas leva o homem a repensar antes de cometer essa violência (LOPES, 2023, p. 69).

Quando se trata dessa busca por segurança para continuar frequentando os estádios, é pertinente discutir algumas das estratégias comuns adotadas por muitas





torcedoras. A persistente preocupação com o vestuário evidencia a lógica machista que ainda permeia as arquibancadas, o que sugere uma narrativa machista e arcaica, na qual a vítima é erroneamente responsabilizada, como se o uso de determinado tipo de roupa pudesse provocar a violência. Especificamente o relato da torcedora Larissa evidencia que, enquanto a torcedora busca se sentir mais confortável em um dia quente, alguns homens enxergam aquilo como uma permissão ao assédio incentivados pelo ambiente do futebol que, conforme demonstrado por Bandeira e Seffner (2018), já traz uma permissibilidade para perturbar, importunar e assediar as mulheres ao redor. “Como se a exposição de seu corpo fosse um convite para um homem ter a liberdade de assediar, como se a partir dessa ação, o corpo deixasse de ser simplesmente da torcedora e passasse a ser público, aberto para a intervenção dos homens” (LOPES, 2023, p. 85). Quando, na realidade, sabe-se que a roupa não tem este poder, mas sim os homens que se sentem mais à vontade e totalmente impunes para assediar uma mulher cuja roupa chame atenção para seu corpo.

Esse pensamento que foi disseminado socialmente por muito tempo, como forma de controlar o comportamento da mulher e como se eles – os homens - fossem incontroláveis, como se o assédio fosse uma resposta automática a uma provocação da vítima, ao invés de uma atitude violenta e criminosa por parte do assediador, o verdadeiro responsável pela violência (LOPES, 2023, p. 87).

A alteração de setor também foi uma estratégia relatada pelas torcedoras entrevistadas. No entanto, conforme indicado pelos dados obtidos na pesquisa, esta não necessariamente é uma estratégia eficaz, uma vez que o assédio pode ocorrer em todos os setores do estádio. Com base nas entrevistas, observou-se que as torcedoras que buscaram essa estratégia, procuram ficar distante dos setores onde estão localizadas as principais torcidas organizadas de Cruzeiro e Atlético (times que jogam como mandante no Mineirão), frequentemente considerados mais propensos à violência. Porém, com base no estudo, especificamente o assédio como violência de gênero no Mineirão não pode ser exclusivamente associado às torcidas organizadas nem aos setores em que ocupam.

Com base nos resultados obtidos, fica nítido que as mulheres são protagonistas, desempenhando um papel central como torcedoras e almejando ter a experiência completa de torcer e apoiar o seu time dentro do estádio, mesmo que a presença delas como sujeitas ainda suscite desconforto. Mesmo cientes da permissividade da violência de gênero nesse espaço, as mulheres continuam a acompanhar o seu time. “Apesar da invisibilidade e repulsa manifesta no universo futebolístico aos corpos que escapam aos referenciais





cisheteromasculinus, nem sempre isso resulta no desgosto e afastamento desses sujeitos do esporte” (DANTAS; ANJOS; MENDES, 2021, p. 499).

“Dessa forma, é subentendida a legitimação do assédio no estádio de futebol ao ponto de que as mulheres que desejam frequentá-lo devem se preparar para as incidências que podem acontecer” (LOPES, 2023, p. 85). Afinal, ser mulher e trazer consigo características femininas dentro do estádio expõe a torcedora aos assédios, fundamentada pela visão sexualizada e objetificada do corpo feminino. Conforme destacado por Costa (2007), a resistência das mulheres, mesmo diante de um ambiente violento, tem contribuído para uma maior visibilidade da torcedora de futebol, especialmente devido à formação de grupos femininos que se manifestam regularmente.

Com relação ao fato de que a maioria das mulheres comentou não fazer “nada” após ser violentada, é preciso considerar o que a impede de reagir, visto que existem questões sensíveis envolvidas nessa violência. As inúmeras consequências psicológicas, a sensação de desamparo e a expectativa de um comportamento social são alguns dos fatores a serem ponderados (LOPES, 2023). “Apesar do avanço da Lei e suas medidas, o medo e a vergonha, aliados à precariedade da assistência às mulheres contribuem para a manutenção do silêncio, da impunidade e da violação dos direitos das mulheres” (MOMM et al., 2023, p. 3). A naturalização do pertencimento masculino no estádio de futebol é tão grande que, para muitas torcedoras, é preferível ter que se acostumar com o ambiente e agir como se nada tivesse acontecido ou como se aquilo não fosse nada demais. Portanto, a descrença em uma possível mudança no sistema como um todo, sustenta o silêncio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira conclusão encontrada na pesquisa é que de fato o assédio acontece no Mineirão e as torcedoras têm conhecimento dessa realidade ao optarem por frequentar o local, tendo em vista que a maioria delas permanecem frequentando o estádio, mesmo após já terem sofrido essa violência. Isso também demonstra que ir ao estádio de futebol torcer pelo seu time, é uma opção de lazer frequente para a torcedora, bem como para o torcedor homem, o que supostamente deveria ser uma experiência prazerosa. Portanto, constatou-se que o estádio de futebol ainda é um ambiente hostil para as mulheres e que, nele, a violência de gênero é normalizada, especificamente o assédio, visto que ressalta que aquele não é um espaço delas e nem para elas.





Apesar da insegurança e do medo serem sensações constantes para a torcedora dentro do estádio, ao longo do tempo ela se instruiu que precisa achar meios de se sentir protegida dos homens para frequentá-lo. Então, ela procura estratégias, nem sempre eficazes, para não se afastar da experiência de torcer pelo seu time e conseguir assistir a uma partida ao vivo. Ou seja, para poderem ter esse momento de lazer, comum e consideravelmente simples para os homens que se encaixam dentro de um padrão heteronormativo, elas precisam se preocupar com sua segurança básica.

A necessidade que é imposta a todo um público específico, no caso as mulheres, de alterar seus comportamentos, não apenas para se sentir aceito, mas para tentar garantir sua segurança dentro de um espaço destinado ao seu lazer, evidencia a persistente realidade excludente do contexto futebolístico. Isso demonstra que a experiência de lazer no estádio não é uniforme para todos os seus diversos espectadores. Apesar de, em geral, as mulheres optarem por continuar frequentando os estádios, elas enfrentam obstáculos que comprometem a plenitude dessa vivência, conforme as definições de Marcelino (2012). Portanto, para as mulheres na atualidade, ir ao estádio representa um ato de resistência. Por mais que elas resistam e persistam em frequentá-lo, ainda prevalece a lógica machista de que aquele lugar não as pertence.

Portanto, é importante ponderar se “uma maior legitimação da participação das mulheres poderia desestabilizar esse lugar naturalizado dos homens no futebol” (BANDEIRA, SEFFNER, 2018, p. 5), considerando que este constituiria um processo gradual de desconstrução cultural. Afinal, o machismo e a violência de gênero são enraizados por serem frutos de uma construção social histórica, ainda mais ao relacionar a mulher no ambiente esportivo. Ressalta-se que essa naturalização não impacta apenas as mulheres como também afeta homossexuais, por meio de manifestações e cânticos machistas e homofóbicos. Segundo Bandeira (2010), tais comportamentos, por vezes, não são percebidos como violentos por parte de jornalistas, comentaristas e estudiosos do futebol. Essa constatação ressalta a necessidade de uma análise crítica e sensibilização mais ampla em relação às formas de discriminação presentes no ambiente esportivo. Por fim, conforme reivindicado por Goellner (2021), é necessário acatar o esporte como um espaço em que as mulheres são sujeitas para assim, romper com a lógica ainda existente e construir um ambiente seguro.





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Gustavo Andrada. Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. **Revista brasileira de educação**, v.15, n. 44, p. 342-351, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. Como homens narram a presença feminina nos estádios de futebol. In: SEMINÁRIO CORPO GÊNERO E SEXUALIDADE, 7, 2018. **Anais...** Rio Grande, RS: Universidade Federal do Rio Grande, 2018.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915 - 1941). 2019. 217f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do cruzeiro esporte clube presentes no Mineirão**. 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2010.

CAPPELLANO, Renata. **O torcedor de futebol e a imprensa especializada**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 1999.

DANTAS, Marina de Mattos. ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. Torceres: pensando diferentes possibilidades de pertencimento clubístico. **Licere**, v. 24, n. 1, p. 477-509, 2021.

DELGADO, Maurício Godinho. **Curso de direito do trabalho**. 16. ed. São Paulo: LTr, 2017.

DIAS, Sandra. **O assédio moral e suas novas formas**. Gestae: Instituto de Pesquisa, Ensino e Saúde Mental. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://gestae.org.br/assets/files/ASSEDIO_MORAL_E_SUAS_NOVAS_FORMAS.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2024.

DINIZ, Maria Helena. **Dicionário jurídico**. São Paulo: Saraiva, 1998.

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9. **Anais...** Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FREITAS, Maria Ester de. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. **Revista de administração de empresas**, v. 41, n. 2, p. 8-19, 2001.





GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpos, gêneros e sexualidades: em defesa do direito das mulheres ao esporte. **Revista do centro de pesquisa e formação**, n. 13, p. 99-112, 2021.

LOPES, Amanda Maria Ramos. **Assédio no estádio de futebol: implicações no lazer das torcedoras**. 2023. 109f. Dissertação (Mestrado em Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MOMM, Sandra e colaboradores. Violência de gênero e o campo do planejamento e estudos territoriais: um retrato sobre a violência contra as mulheres no município de São Paulo durante o primeiro ano da pandemia de COVID-19. **Revista brasileira de gestão urbana**, v. 15, p. 1-18, 2023.

PINHEIRO, Maria Rosângela Dias; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Assédio sexual em mulheres praticantes de musculação: impactos no seu cotidiano. **Interface**, v. 25, p. 1-18, 2021.

PESSANHA, Nathália Fernandes. **Arquibancada feminina: relações de gênero e formas de ser torcedora nas arquibancadas do Rio de Janeiro**. 2020. 158f. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2020.

SANTOS, Fernanda Panichi. **O direito e a arquibancada: o estatuto do torcedor e a insegurança jurídica da mulher enquanto torcedora**. 2020. 61f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito). Universidade Federal Fluminense, Macaé, RJ, 2020.

SILVA, Mateus Alexandre. **O futebol como vivência de lazer de estudantes do ensino médio em cidades pequenas do interior de Minas Gerais**. 2019. 88f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2019.

ZANETTI, Robson. **Assédio moral no trabalho**. Brasília, DF: Conteúdo Jurídico, 2014.

Dados da primeira autora:

Email: amandalopes9797@gmail.com

Endereço: Avenida Bernardo Vasconcelos 2600/508, Bairro Ipiranga, Belo Horizonte, MG, CEP: 31160-440, Brasil.

Recebido em: 27/02/2024

Aprovado em: 09/04/2024

Como citar este artigo:

LOPES, Amanda Maria Ramos; DANTAS, Marina de Mattos; SILVA, Silvio Ricardo da. As estratégias da torcedora de futebol para se sentir segura no estádio. **Corpoconsciência**, v. 28, e.17205, p. 1-16, 2024.

